



'Já dancei congadas, folias e carnavais': a festa na condição de resíduo e ato territorial no bairro patrimônio em Uberlândia-MG

Rosselvelt José Santos* e Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior

Universidade Federal de Uberlândia, Av. João Naves de Ávila, 2121, 38408-100, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: rosselvelt@ufu.br

RESUMO. Localizado no setor sul de Uberlândia-MG, o bairro Patrimônio revela especificidades socioterritoriais importantes dos negros da cidade. Fundado no final do século XIX, sua história é marcada pelas dificuldades enfrentadas pelos habitantes, tanto pela falta de equipamentos urbanos quanto pelo preconceito. Entre os modos de viver no/do lugar, destacam-se as festividades. No entremear de Folias de Reis, Carnavais e Ternos de Moçambique (Congadas), construíram lógicas pautadas nas relações de doação e troca com a vizinhança, (re)afirmando pactos sociais para a continuidade da vida. Na instalação de novos nexos, voltados para a produção de espaços revalorizados para as classes médias, são fabricadas tensões territoriais acerca de seus diferentes usos e apropriações. Os moradores do lugar reúnem alguns de seus resíduos, tendo em vista a ameaça de destituição dos seus territórios. A corporificação dessas festividades se manifesta na condição de atos territoriais, compreendidos como ações, sazonais ou não, que visam ao (re)estabelecimento das territorialidades, sejam essas oníricas ou concretas. As festas reinventadas reafirmam a existência dos sujeitos e permitem que se reinventem para darem continuidade a seu viver no/do lugar, nos contextos de mudança em que estão inseridos.

Palavras-chave: identidade. lugar. territorialidades.

'I danced *congadas*, *folias* and *carnavais*': festivity in the condition of residue and territorial act at patrimônio's neighborhood in Uberlândia-MG

ABSTRACT. Located in south Uberlândia-MG, Patrimônio's neighborhood reveals some social specificities. Established at the end of nineteenth century, its history is characterized by the difficulties faced by its inhabitants, such as the lack of urban equipment and strong prejudice. Amongst the ways of living in the place, we focused on the festivities. Through *Folias de Reis*, *Carnavais* e *Ternos de Moçambique* (*Congadas*), they build logics shared upon trade and donations within the neighborhood, (re)affirming pacts for the continuity of life. In the installation of new nexus, towards the production of revalued spaces for the middle classes, territorial tensions are established as to its uses and appropriations. With the possibility of being destituted of its territories, its traditional residents reinvented some of their residue, especially the festivities. The materialization of these festivities manifests itself in the condition of territorial acts: actions, seasonal or not, with the purpose of (re)establishing territorialities, being those oniric or concrete. Those festivities reaffirm the existence of subjects and allow them to reinvent themselves in order to continue to live in/from the place in those contexts of change they are enclosed.

Keywords: identity. place. territorialities.

Introdução¹

No contexto contemporâneo de transformações socioculturais, diversas são as lógicas e sentidos das mutações ocasionadas no(s) espaço(s). Visando à compreensão dos sentidos da festa entre descendentes de escravos em um bairro do município de Uberlândia, estado de Minas Gerais,

buscamos estudar as contradições, tensões e dinâmicas socioterritoriais ocasionadas pelos diversos vetores sociais que promovem, no lugar, a reocupação do espaço.

Partindo do referencial teórico da Geografia Cultural, principalmente das proposições de Claval (1997, 1999), intentamos explorar a dinamicidade das relações em que estão inseridos os antigos moradores do bairro Patrimônio em Uberlândia-MG. Situados em um lugar clivado pelo otimismo do capital imobiliário, manifestada primordialmente em condomínios verticais para as classes médias, os 'foliões' parecem reinventar os modos de praticar suas festividades como modo de 'enfrentamento' aos novos moradores.

¹O artigo está vinculado ao projeto: "Do Patrimônio ao Copacabana: Vínculos Territoriais e Metamorfoses sócio territoriais na cultura dos negros do bairro Patrimônio em Uberlândia-MG". O projeto teve como agência de fomento a FAPEMIG. A Iniciação Científica corresponde ao Código FAPEMIG2015-HUM004 de vigência entre 01/03/2015 a 29/02/2016. Esse projeto, por sua vez, foi renovação de proposta anterior (Código FAPEMIG2015-HUM011), de vigência entre 01/03/2014 e 28/02/2015. Ambos foram executados e devidamente finalizados no programa de Bolsas de iniciação científica da Universidade Federal de Uberlândia.

Em um espaço dotado de territorialidades materiais e simbólicas, construídas pelo uso, seus habitantes tradicionais viveram de acordo com as possibilidades de seus territórios. Hoje (2015), se veem em situações de tensão com os novos moradores que, em geral, não aceitam a continuação e exposições de práticas culturais, marcadas, primordialmente, pelas festas: Congadas, Folias de Reis e Carnavais.

Devido a esse processo de reocupação, as festas adquirem novos significados, tornam-se possibilidades de mostrar que a vida no lugar é mutável, também suscetíveis a alterações que permitam sua permanência. Essas mudanças se apresentam como relacionais, logo transbordam resíduos. Os antigos moradores que, em algum momento histórico-social, compunham os elementos vitais, metamorfoseiam-se em atos territoriais. Evidencia-se uma dinâmica densa, na qual a *poiésis* possibilita o aparecimento de um processo territorial que (por vezes) intensifica espacialidades.

Com o objetivo de desvelar seus atos territoriais decorrentes e derivados das reuniões de resíduos, realizamos diversas incursões a campo (entre 2013 e 2015, majoritariamente nos períodos festivos), nas quais buscamos efetivar entrevistas semiestruturadas e roteiros temáticos de observação, descrição, comparação e análise.

Na fertilidade emancipadora das prosas com os antigos moradores, tornou-se possível decifrar as relações e lógicas que existiram (e existem) em seus lugares, com ênfase nas festividades. A partir dessas, construímos virtualidades para pensar acerca de suas territorialidades e atos territoriais suscitados pelos resíduos.

'Alquimia' no/do lugar

Originalmente, o bairro era denominado Patrimônio de Nossa Senhora da Abadia, pois fora resultado de doações de terras para a instituição Igreja Católica no contexto dos interesses dos donos de terras e meios de produção do século XIX. Localizado em espaço isolado do bairro Fundinho, principal parte do sítio urbano de Uberlândia no período, a área onde se formaram as moradias dos negros aforados era uma possibilidade atrativa para fixar um contingente de trabalhadores no entorno da cidade.

Essa separação se realizava simbólica e materialmente, sendo a divisa entre os territórios dos negros e dos brancos demarcada pelo Ribeirão São Pedro. A ligação por meio da Avenida General Osório se dava pelas esparsas pinguelas que

desapareciam durante períodos de chuvas intensas, dificultando o estabelecimento de conexões com o 'outro lado'.

Principalmente na estação chuvosa (entre novembro e março), essa travessia era perigosa. As cheias do Ribeirão, pelo fato de este se situar em um dos vales com maior declive da cidade, ocorriam de maneira rápida. Não são incomuns os relatos, principalmente em diálogos com moradores mais velhos, de que perderam amigos, colegas ou familiares nessas (tentativas) de andar pelas pinguelas durante as tempestades².

Hoje 2015, canalizado abaixo da Avenida Rondon Pacheco, existe continuidade. Conforme a intensidade da precipitação, suas cheias são velozes e tendem a destruir parte do asfalto.

Somado à falta de infraestrutura urbana, variadas eram as dificuldades encontradas pelos moradores do patrimônio. É importante destacar que

O Patrimônio, de primeira, ninguém queria terreno no Patrimônio. Porque era terrão, né? Rua não tinha calçamento, não tinha água encanada, então ninguém queria. Falava: 'Patrimônio... É pé vermelho'. Porque era barro mesmo, mas era povo tudo trabalhador mesmo (Grifo nosso)³.

Nessa situação, os estereótipos de *terrão* e *pé vermelho* geravam inúmeras dificuldades para as pessoas do lugar encontrarem trabalho na cidadela dos brancos. Contornando os problemas, nos terrenos dos negros do patrimônio, eram cultivadas as hortas, com verduras e criação de porcos e galinhas. Estabelecia-se a produção de parte dos meios de vida.

Na relação com a cidade, a remuneração do trabalhador negro não propiciava a possibilidade da sua existência social e territorial apenas pautada na condição de mão de obra. O trabalho familiar e os baixos preços dos terrenos constituíam um dos principais fatores para o estabelecimento da vida em suas várias dimensões.

Outro ponto fundamental para a continuidade no bairro era a possibilidade de emprego nas olarias, sendo essas localizadas próximas ao Ribeirão ou ao Rio Uberabinha. Contudo, era na charqueada que encontravam empregos por safra e com remuneração mínima estabelecida por lei, cuja condição demarca um dos moradores mais antigos:

Era o salário mínimo e era por safra também. Lá não matava o ano inteiro, lá matava só quatro, cinco mês depois parava. Naquele tempo quase não existia serviço para ninguém não⁴.

²Fonte: Entrevista coletada em campo em setembro de 2014; também presentes em Lourenço (1986).

³Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

⁴Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

Certas carnes sem muito valor de mercado, os ‘miúdos’, eram vendidos para os trabalhadores por preços que podiam pagar. Tal fato ocasionava uma espécie de prestígio para as funções exercidas no matadouro. Mesmo que esse fosse relativo, proporcionava características relacionais específicas às condições do bairro.

No geral, as pessoas obtinham liquidez a partir de trabalhos aleatórios, precários, insalubres, principalmente nos entornos. As mulheres lavavam roupas para complementar e, em alguns casos, formar a renda familiar. Os homens, por vezes, colaboravam no serviço das fazendas lindeiras ao patrimônio. Essas nem sempre ofereciam remuneração em dinheiro, ajeitando parcela da produção.

De acordo com um morador antigo, por falta de renda.

As casa eram tudo pequeninha. Não tinha asfalto, até tinha nos apelidado como pé vermelho. E, pra começa, as luzes, naquele tempo, era da Prado, eu não sei se vocês lembra daquilo, era uma energia muito fraca, depois é que foi melhorano tudo. Água encanada a gente não tinha, era tudo cisterna, era fossa de esgoto⁵.

Acesso à energia elétrica era esparso, disponível a poucos por um ‘gato’⁶ do frigorífico Ômega, que surgiu pouco depois das charqueadas, no início do século XX. Os empregos de maior precariedade desse último eram reservados para os moradores do bairro, os quais, como já destacado, em sua grande maioria, eram negros.

Conforme aponta um dos habitantes mais antigos do bairro, mesmo que generalizando, afinal, existiam pessoas de outras etnias,

Era um bairro que só tinha mais negros. Os negros antigos, filhos de escravos, netos, vieram tudo encostando aqui no Patrimônio⁷.

Essa etnicidade específica gerava problemas, como aponta Lourenço, em monografia sobre os ‘moçambiqueiros’ e ‘salgadores’ do bairro do Patrimônio, quando afirma que esse era, em verdade, um bairro de ‘pretos perigosos’ (Lourenço, 1986). Tal fato, apesar de apresentar versões de um mundo marcado por tensões sociais de sua época, revela-se na memória de alguns habitantes, que assim o caracterizam:

Aqui foi um lugar perigoso, morria gente todo dia. Antigamente, né. O povo era mal de mais, viu? O povo da charqueada ali, andava só armado, qualquer coisa tava metendo a faca nos outro⁸.

Sem dúvida, havia no lugar precarização do trabalho e ambivalência na qualidade de vida das pessoas. Muitos associavam (e associam) as condições do labor nas charqueadas à ‘degeneração’ dos homens que nelas trabalhavam. Nota-se que existiam diversos estereótipos que também viraram preconceitos atribuídos aos moradores do bairro Patrimônio. Conforme relatos, a violência não estava necessariamente ligada à condição étnica, mas às dificuldades das condições de vida a que estavam submetidos.

Contudo, parte dos moradores do bairro transcendiam essas condicionantes. Estabeleciam, no lugar, relações que dinamizavam suas existências. De acordo com Karjalainen (2012, p. 6), “[...] o lugar é um fenômeno experiencial, algo que, desde o início, é uma parte essencial da vida [...]”, nele são construídas experiências de vida. Todo ser humano está inserido em um espaço, no qual se vê na possibilidade de construir sua existência.

Em sua multidimensionalidade, o lugar, ao mesmo tempo, dificulta e potencializa a vida dos sujeitos. É denso e rico em experiências de vida, as quais indicam saberes, inclusive, de enfrentarem as contradições decorrentes da vida em comunidade. Tendo em vista aquilo que estava à sua disposição, os antigos moradores do bairro Patrimônio instituíram práticas criadoras que visavam a ampliar suas virtualidades, como apontam:

Antes era aquela dificuldade muito grande, as pessoa muito pobre, é, muito barro, poeira, muita fazenda em volta e, mas, assim, as pessoas nasceram aqui, cresceram aqui. E a gente é uma família, tanto é que a gente falava o ‘nosso bairro’. E foi crescendo, com dificuldade, mas com dignidade, com amor, com união, principalmente (Grifo nosso)⁹.

No lugar, edificaram relações que, de certa forma, os ajudavam a superar as adversidades impostas. Construíram, por meio de suas relações e nelas, uma comunidade de interesses. Mediante lógicas intersubjetivas, mesmo que com dificuldades, puderam estabelecer elos com o espaço, dotando-o de significação.

Conforme aponta Tuan (2013, p. 14), “[...] o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e os dotamos de valor”. Esse valor não necessariamente implica qualidades e sentimentos topofílicos; por vezes, como o próprio autor distingue (Tuan, 2005), existem sentidos topofóbicos que são atribuídos ao lugar.

⁵Entrevista coletada em campo em janeiro de 2015.

⁶Ligação clandestina com fins de utilizar energia elétrica sem realizar pagamento (furto de energia elétrica).

⁷Entrevista coletada em campo em janeiro de 2013.

⁸Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

⁹Entrevista coletada em campo em fevereiro de 2013. O sublinhado indica ênfase do entrevistado durante sua fala.

No caso em estudo, notamos que os dois são indissociáveis: tanto relatam a importância e o valor humano atribuído à comunidade quanto os problemas do lugar. Mesmo assim, os vínculos com o lugar que despertam humanidades não são dicotomizados, se põem em relatividade.

Significados e definições são variados, não necessariamente sendo iguais para todos os membros de determinado grupo. Afinal, sujeitos se envolvem com o lugar, ‘comunizam’ como maneira de satisfazer suas necessidades e desejos, sejam esses em prol de suas individualidades ou tendo como fim a reafirmação do que há de comum em sua unidade.

Eles criam associações, de maneira a favorecer determinadas ‘sociedades’ que permitam o estabelecimento de vínculos e sentidos para a coletividade. Simmel (1971, p. 128), em estudos acerca dessas ‘sociedades’ (termo do autor), aponta que, para satisfazer esses impulsos e atingir seus objetivos/projetos,

[...] nascem as inumeráveis formas de vida social, todas com os um-com-outro, um-pelo-outro, um-no-outro, um-contra-outro, um-atraves-outro, em estado e comunhão, nas associações econômicas ou religiosas, nas famílias ou clubes (Tradução nossa)¹⁰.

Como abaliza Simmel, Tuan (1998), em obra sobre as potencialidades de entendimento das diferentes espacializações do ‘escape’ humano, afirma que a cultura nos possibilita esquecer o ‘Outro’ que nos assusta, porquanto

[...] contribuição mais básica para o esquecimento, para a construção de um sentido individual de bem-estar, está na construção de um ‘nós’. ‘Eu’ posso ser frágil, mas ‘nós’ somos fortes (Tuan, 1998, p. 82, tradução nossa, grifos do autor)¹¹.

No contexto do bairro Patrimônio, evidenciamos que a construção de um ‘nós’ por meio da ‘sociação’ potencializa o lugar. Entremeados na lógica da coletividade, intentam dar segmento a uma vida na condição, por vezes opressora, de trabalhadores. Os sentimentos de ‘união’ e ‘amor’, como relata o habitante, são postos como ‘anestésiantes’ dos problemas, mas nunca como esquecimento completo.

Compõem uma lógica que explicita, em termos ‘dardelianos’, uma realidade geográfica que exige, dentro da vivência cotidiana, necessidades relacionadas ao trabalho e ao sofrimento (Dardel, 2011). Possibilita a construção de um lugar na condição de apropriação de uma realidade que foi

reclamada por intenções humanas (Karjalainen, 2012).

Santos e Kinn, em estudo sobre as festas rurais da mesorregião do Triângulo Mineiro, constataram que

[...] entre pessoas que mantêm identidades com um mesmo lugar, o pertencimento é uma construção social que implica relações que estabelecem e mantêm vínculos com o lugar (Santos & Kinn, 2009, p. 63-64).

Tal nexos também fica implícito no palimpsesto da edificação sociocultural e socioterritorial do bairro Patrimônio.

Entre outros fatores, as relações sociais envolvendo a comunidade são centrais para o pertencimento dos moradores originais. Um dos entrevistados nota que, em meio às mudanças que vivenciou,

Aqui era a favela, era casa de tábuas, casa de lata, rancho de capim, não tinha nada de benfeitoria, né? As casa tudo simple. Mas tudo gente trabalhador, honesto, gente boa. A gente até hoje sente falta da pessoa, dos antigo que tinha aqui¹².

Nesse lugar distante do estático, as pessoas vivem na memória dos moradores e continuam como partes de um legado étnico-cultural. A lembrança imortaliza suas presenças, evidenciando lógicas de reciprocidade que, por inúmeras vezes, vão para além da materialidade e efemeridade da existência humana. Nas lógicas de reafirmação destas pertenças, ergueram práticas que potencializavam suas existências. A partir das festividades, construíram vínculos com o lugar, que reafirmava os pactos e sentidos do existir inserido na coletividade. Como aponta um residente,

O Patrimônio é um bairro muito festivo, de grandes festividades. Toda vida porque é Congada, Folia de Reis, festa de São João, Carnaval... O samba começou aqui com nós, formamos a escola e a escola saiu para as ruas em 1954¹³.

Entre a ‘Escola de Samba Tabajara’, a Folia de Reis ‘Pena Branca’, os ternos de Moçambique ‘Raízes’, ‘Pena Branca’ e ‘Princesa Isabel’, arquitetaram elementos que dinamizavam a vida em comunidade. As festas, como temporadas de reunião, são situações de doação, tanto de tempo como de recursos.

De acordo com Teixeira e Almeida (2014, p. 228), “[...] a festa não é só uma ocasião de descanso, é um momento de aprendizado, de reconstituição ou fortalecimento de laços sociais”. Em certos casos, como no da situação em que se inserem os sujeitos deste estudo, configurava-se como um elemento vital para a existência de um

¹⁰“[...] arise the innumerable forms of social life, all the with-one-another, for-one-another, in-one-another, against-one-another, and through-one-another, in state and commune, in church and economic associations, in family and clubs”.

¹¹“its most basic contribution to forgetfulness, to an individual's sense of ease, lies in the construction of a ‘we’. ‘I’ may be feeble, but ‘we’ are strong”.

¹²Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

¹³Entrevista coletada em campo em fevereiro de 2013.

grupo étnico no lugar, dadas as suas condições estruturais e culturais.

Nas trocas de doações e valores humanos efetivadas pela festa, desenvolviam possibilidades de superação da condição de mão de obra e se viam inseridos em um contexto pautado pela lógica da reciprocidade. Seu significado estava na criação de uma unidade de grupo regulada em sentidos comuns acerca das vivências cotidianas.

Para a efetivação das Folias de Reis, alguns moradores doavam porcos ou galinhas que criavam no quintal. Alguns habitantes que tinham pequenas hortas contribuíam com parte da sua produção para o almoço dos congadeiros.

Contudo, a maior doação era a do tempo que se materializaria no trabalho de organização e realização das festividades. Essas práticas, porém, não existiam somente no momento das festas, desdobravam nos mutirões para ajuda na autoconstrução ou na troca de alimentos ao longo dos momentos de dificuldade.

Atualmente (2015), a realidade em que se insere o bairro Patrimônio se modificou. Começando entre as décadas de 1980 e 1990, as fazendas do entorno foram loteadas, o córrego São Pedro canalizado e a infraestrutura urbana ‘alcançou’ o lugar. A paisagem foi, ao longo desses anos, modificada.

Não são mais o ‘povo do pé vermeio’. Devido aos grandes lotes e ao planejamento da cidade, edificaram-se, predominantemente nessa área, condomínios verticais voltados para as classes médias.

As dinâmicas de valorização imobiliária alteraram as relações estabelecidas no lugar, fiando novas lógicas. Essas, em geral, priorizam fluidez e linearidade no que se refere aos vínculos e sentidos do/no espaço. Na imbricação desses diferentes nexos de viver no lugar, são evidenciadas mutações nos significados atribuídos e nas pertencas dos antigos moradores que permanecem no lugar.

Contudo, a cidade-mercadoria se insere no bairro. A venda de casas e lotes é uma constante. Descendentes dos antigos moradores mudam-se para outros bairros, em geral, mais longe. Outros se mantêm. Entre saídas e chegadas, cabe problematizar esse movimento: Como se configuram as lógicas do bairro Patrimônio em meio às metamorfoses velozes a que seu espaço está submetido? Quais as (im)possibilidades de os nexos comunitários dos negros continuarem existindo no lugar? De que maneira os novos e antigos moradores interagem? Qual a (re)invenção da festa neste processo?

Territorialidades (in)tensas

Como elencado anteriormente, hodiernamente, a paisagem do bairro Patrimônio se metamorfoseou.

Já em meados de 1980, Lourenço, em estudo particularmente escuso, afirma que, ao chegar lá, via-se “[...] um enclave de pobreza em meio a bairros de classe média alta e burguesia [...]” (Lourenço, 1986, p. 13), que, em essência “[...] é como que um elemento estranho, incômodo para uns e curioso para outros” (Lourenço, 1986, p. 13).

Mesmo que seu texto pareça apontar mais para a situação de incômodo, a relevância histórica dele nos ajuda a encontrar, ao menos parcialmente, o ponto de mutação. A ocupação que relata em seu estudo é o atual bairro Morada da Colina, voltado para classes médias altas e seus loteamentos residenciais de edificações até dois andares.

Essa situação, per si, já era fonte de estranhamentos. Novos moradores se inseriam na condição de agentes em um ambiente que, em sua visão, semelhava hostilidades. O estigma comum de que o bairro do Patrimônio era de ‘pretos perigosos’ persistia, de modo a causar inquietação, mesmo que, como apontado anteriormente, fosse mera meia verdade.

Diversos foram os interesses que assolaram essa ‘modernização’. Na confluência de nexos presentes no espaço urbano, nota-se que o capital imobiliário exerce duras influências. Constrói territórios abstratos, arrolados em valorizações financeiras que visam a apresentar resultados satisfatórios do ponto de vista mercadológico.

Grandes lotes, como os presentes no bairro Patrimônio (tanto os antigos como os loteados pelas charqueadas e fazendas no início da década de 1990), tornaram-se, neste momento (2015), atrativos para esse processo de transformação.

Outro ponto relevante foi a indisposição de certos moradores em dar continuidade à existência no bairro, tendo em vista que, com a valorização imobiliária, poderiam vender seus lotes a preços agradáveis e ir em busca de melhores condições de vida. Assim, para fortalecer o fluxo de saída dos moradores,

Depois que parou o frigorífico Ômega, foi uma ajuda grande, porque o pessoal firmava porque tinha um trabalho perto, daqui ia trabalhar. E depois que vendeu o frigorífico Ômega, acharam outros empregos e foram indo¹⁴.

Conforme apontamos anteriormente, a condição predominante de mão de obra era parte fundamental da formação sociocultural do bairro. Com o fim das charqueadas, do frigorífico e das olarias, a decisão de saída foi, para alguns, uma questão de necessidade.

¹⁴Entrevista coletada em campo em janeiro de 2014.

Entre os primeiros anos da década de 1990, o bairro foi asfaltado, recebeu água encanada e energia elétrica. Parte da antiga Avenida General Osório (toda a que passa(va) pelo bairro em estudo) foi reformada e passou a se chamar Francisco Galassi. Essa foi alargada e, para tanto, ‘pedaços’ de lotes foram comprados, assumiu o caráter de ‘duas pistas’. Seu uso, segundo o plano diretor, passou a ser primordialmente comercial, mesmo que antes fosse residencial. Um dos moradores que continua na avenida aponta, no que concerne ao aspecto financeiro, que

O valor fica outro, valorizou mais. Agora, hoje, nós tamo imprensado aqui, eles tão comprano tudo, a Avenida ali está sendo tudo vendida. Não vai ficar nenhum pobre ali¹⁵.

Localização é outro fator primordial para o conjunto de modificações. Por estar próximo do centro, do Praia Clube (voltado, historicamente, para as classes médias e altas de Uberlândia), de *boulevards* comerciais, assim como de bares e restaurantes autointitulados *gourmet*, aparenta ser uma ‘referência’ de qualidade de vida.

No contexto recente, a predominância de áreas residenciais no setor sul tem sido esforço constante por parte do capital imobiliário. As edificações verticais de três a 12 andares, tendenciais no bairro, evidenciam, quando em justaposição com as casas mais simples que permanecem, rugosidades. Evidentemente, destaca-se que outra estratégia de mercado utilizada pelas empreiteiras e pelos investidores é a especulação de terrenos. Como um residente tradicional relata,

Teve um cara aí que comprou a casa só para ter o prazer de vim com um trator, passar por cima e o terreno tá lá: vazio. Num fez nada. Há uns dois anos atrás. Tem uns dois anos que o terreno tá vazio. O bairro tem importância para ele? Só a importância financeira!¹⁶

O morador que chega trilhando o rastro da valorização imobiliária pode ser interpretado, de acordo com Tuan, como aquele que

[...] tem um interesse abstrato, porém intenso em seu bairro, como um pedaço de terra cuja qualidade diretamente afeta o valor comercial de sua casa [...] (Tuan, 2012, p. 294),

diferente daquele (como no relato acima) que atribui valores que não dialogam com as atribuições étnicas e culturais dos antigos. Esse sentido subjetivo relacionado à qualidade varia de acordo com as situações contextuais da residência.

Evidentemente, para as classes médias, a localidade que continua a apresentar um ‘braço’ de pobreza repercute no futuro ‘retorno’ de seus investimentos. Isso se desdobra, inclusive, na maneira como desenvolveram outra toponímia. Ao invés de documentarem que residem no Patrimônio, usam o nome do maior loteamento das charqueadas: ‘Copacabana’.

Enviesam seus discursos, de modo a constituir, mesmo na ausência de uma comunidade efetiva, territorialidades abstratas. Sentem que, na construção de uma identidade territorial própria, dotada de especificidades, podem desconstruir as lógicas previamente presentes e marcadas no espaço que ‘dividem’. Essas territorialidades afrontam o território concreto construído nas vivências e relações dos antigos moradores do bairro.

Encaramos que, conforme Haesbaert,

[...] todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois as relações de poder têm no espaço um componente indissociável tanto na realização de ‘funções’ quanto na produção de ‘significados’ (Haesbaert, 2007, p. 23, grifos do autor).

Flávio, em confluência com o autor acima citado, assume o posicionamento de que “[...] a questão do poder é elemento central na definição do território. A produção do espaço é arena preta de relações de poder [...]” (Flávio, 2013, p. 94); contudo, ela não basta para o entendimento dessa categoria.

Verificamos que não são somente relações de poder, mas também de pertencimentos, que evocam identidades, supostamente reinventadas no presente, em um contexto relacional que fundamenta tensões. O território, fundamentalmente, é uma construção que visa a reformular espacialidades; afinal,

[...] os seres humanos não suportam viver em permanente estado de ansiedade. Necessitam manter uma sensação de controle, não importa quão ilusória possa ser (Tuan, 2005, p. 113).

Em seu princípio, estão relações assimétricas variadas que implicam nexos espaciais que interagem de diversas maneiras. Esse sentido atribuído ao território pelos grupos que dele fazem uso para seus diversos fins pode ser conceituado como territorialidade. Dialogando com Heidrich (2006), notamos que,

[...] por meio do estabelecimento de vínculos, por criações ou invenções humanas, através de práticas sociais, é que se produz território, que se constitui uma territorialidade (Heidrich, 2006, p. 4).

Ambos os grupos desenvolvem estratégias práticas de produção territorial dotadas de

¹⁵Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

¹⁶Entrevista coletada em campo em janeiro de 2013.

especificidades. De acordo com Raffestin (2010, p. 15), “[...] os mediadores são materiais e imateriais e, da mesma forma, a territorialidade é um conjunto de relações materiais e imateriais.” Nessa acepção, assim como em Heidrich (2010), encaramos que as territorialidades são imbricações cotidianas de fatores oníricos e concretos.

No que diz respeito à tensão territorial deste estudo, há divergências para além das questões próprias da renda, envolvendo também o sentido atribuído ao habitar. De forma curiosa, como aponta Saquet (2013),

[...] as territorialidades podem significar tentativas de *práxis* dialógicas, cooperadas e participativas da diversidade como mediação para o desenvolvimento dos territórios e das suas gentes (Saquet, 2013, p. 62).

Na verificação do contexto (in)tenso dos grupos, parece-nos que o diálogo se efetiva pela ausência. Contudo, como apontamos antes, a lógica relacional implica o contato, nos interesses em comum. Neste sentido, os valores humanos dessas territorialidades convergem no uso, mas divergem em nexos.

As territorialidades do ‘Copacabana’ revelam uma lógica social que impõe ao lar a função de ‘dormitório’, de espaço para descanso, não necessariamente ligado à construção de uma comunidade ou vizinhança. Não há, majoritariamente, ‘produção’ de lazer, mas seu ‘consumo’.

Em um complexo no qual as possibilidades de aproveitamento do ócio estavam diretamente ligadas à prática da festa, estão os antigos moradores. Fato esse que contribui sobremaneira para a construção de uma territorialidade efetivada nos laços de vizinhança. São permeados de vínculos concretos que se realizaram na sedimentação de vidas cotidianas no lugar.

No encontro com o diferente, a existência do ‘nós’ propicia dinâmicas de relações sociais envolvendo pertencas entre os membros de um grupo e o lugar, permitindo aos sujeitos entenderem suas situações. Conformam territórios que se afrontam, mesmo que, por vezes, de maneira mais simbólica que concreta. As forças e os poderes nesse campo apresentam diversas instabilidades.

Com a expansão hábil do mercado imobiliário no bairro, relações que antes eram concretizadas no lugar perdem, ocasionalmente, amarrações. De acordo com um antigo morador,

O Patrimônio em si já não existe mais, é só cidade agora. Só pessoas... As pessoas antigas, os que têm dinheiro vem e oferece um poder para sua casa maior, você tá apertado, você vende... Então o Patrimônio, em si, já está acabando. Já acabou¹⁷.

Como apontamos anteriormente, seus vínculos territoriais são fortemente ligados aos arrolamentos interpessoais. Na (i)materialidade do território, continuam a estabelecer lógicas sociais para fazer as festas. Reinventadas, continuam juntando o grupo no entorno delas. Contudo, reconhecem a dificuldade de continuidade diante dos nexos capitalistas de valorização do espaço.

Por estarem inseridos em contextos sociais menos favorecidos, têm dificuldades no que tange ao enfrentamento direto, na recusa dos aportes financeiros ofertados pelas imobiliárias. Muitos, por uma gama de motivos, alguns já apontados, estão/estavam endividados, observando, na nova importância financeira atribuída ao seu lote, uma oportunidade real de melhoria de vida.

Outro fator fundamental é a divisão de bens de parentes. No falecimento de um ente, geralmente o patriarca, surge a necessidade de dividir o patrimônio. Mesmo que seja um lote que desperte o interesse do mercado, o número de filhos faz com que a partilha raramente permita o reestabelecimento da prole no bairro. Uma antiga residente, em processo de mudança decorrente desta razão, aponta que

Nós vamo lá pro Shopping Park, mas é muito ruim. Uma vida inteira ficando para trás é muito ruim, aqui a gente conhece todo mundo, né. Conhece todo mundo, aí começa tudo de novo num lugar que você não conhece ninguém? Tem muita gente daqui que foi pro Shopping Park, mas é em outros lugar, ali é mais difícil¹⁸.

Nota-se, nos comentários, que o fator central de motivação dessa pertença está conectado às pessoas, aos amigos e aos vizinhos, à comunidade. Elas são, em verdade, provedores fundantes de territorialidades intensas, vínculos que levam os sujeitos, como registrado na fala a seguir, a criarem pactos com os que estão próximos.

Aqui não faz não. Aqui não vende *aponta para frente*, aqui também não vende *aponta para o lado*, eu também não vendo, então vai ficar aqui: nós três¹⁹.

Alguns, efetivamente, constroem ‘novas’ vidas em bairros mais afastados, como o Shopping Park. Porém, em sua grande maioria, continuam a afirmar que são ‘do’ bairro Patrimônio. Permanecem com vínculos territoriais que se materializam e se concretizam em constatações como a anterior e a seguinte. Aquele que vai embora conversa, convence

¹⁸Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

¹⁹Entrevista coletada em campo em setembro de 2014, entre “*”estão gesticulações do sujeito.

¹⁷Entrevista coletada em campo em janeiro de 2014.

e fortalece o que fica. Ele vai embora do lugar, mas o lugar não sai dele.

Qualquer lugar, fez uma casa encostado num prédio, encostado na sua casa, acabou: não tem liberdade mais. Ela tava me falando, não tem mais liberdade²⁰.

Como retrata o morador, grandes construções verticais ameaçam liberdades da vida individual desses sujeitos, parcialmente reprimidos e espoliados de seus pertencimentos. A presença de um prédio residencial ao lado de suas casas os impede de realizar atividades nos quintais; afinal, fica a impressão de que não há privacidade. Atos corriqueiros como lavar roupa ou cuidar do jardim passam a ter a dimensão do sentimento de estar sendo continuamente observado.

Contudo, o que parece ser mais incômodo é a dificuldade que passa a existir para reunir amigos no fim de semana ou organizar pequenas festas. Considerando que suas sociabilidades passam por lógicas de reciprocidade, tais são comuns, mas causam desconforto aos moradores dos condomínios verticais (por conta dos ruídos) e nos moradores antigos, já que se sentem desconfortáveis com a possibilidade de brigas com os novos vizinhos.

No lugar, a acelerada reprodução do capital imobiliário estabelece conflitualidades nas territorialidades por meio de suas possibilidades. A edificação dos condomínios verticais, assim como a instalação de várias placas das empreiteiras nos terrenos por elas ainda deixados para fins de especulação são exemplos de enfretamento por parte do capital.

Nas tensões do processo de reocupação do espaço, cada lado tenta se fortalecer e legitimar-se a partir dos usos. Uma estratégia que tem sido empregada pelos novos residentes é a de chamar a polícia para impedir as manifestações festivas após as 22 horas. Outra tem sido a própria tentativa de retirar algumas das festas do núcleo do bairro. Alguns deslegitimam o uso do espaço pelos antigos moradores em decorrência dos casos de tráfico de drogas, alcoolismo ou violência. A (des)estruturação da comunidade aparenta ser uma maneira efetiva de redefinição desse espaço.

No contexto dos antigos residentes, sua permanência no lugar é tênue, mas real. Em meio ao pessimismo de alguns e otimismo de outros, quais as possibilidades destes seres se reinventarem nas próprias existências? Como a(s) festa(s) influem nestas territorialidades? De que maneira as tensões transbordam em metamorfoses?

Reunião dos resíduos no 'bатуque' da existência

Dialogicamente, os sujeitos sentem agonias perante as aparentes impossibilidades de manutenção da existência no/do lugar. Muitos dos acordos estabelecidos parecem perder o sentido diante das metamorfoses que vivenciam no cotidiano do lugar. Os elos relacionais, por vezes, têm fragilidades expostas, de maneira a complicar variados fatores.

Seria de se esperar que suas territorialidades, suas identidades e permanências em particular se diluíssem em meio à lógica capitalista de (re)produção ampliada de seus investimentos no espaço. Contudo, pelo uso, deslegitimam a propriedade no sentido estrito. As festas, como elencamos anteriormente, continuam. Embora modificadas, persistem como fundamento de modos de vida pautados nos nexos da doação. Neste sentido, um congadeiro relata que

Antigamente o bairro Patrimônio era 'O' Bairro Patrimônio de tradições e tradições e agora só não caba porque nós tamo aqui lutando pra num cabá. Tem muita gente que luta pra num cabá²¹ (Grifo do autor).

O grupo, a partir de seus sujeitos enraizados no lugar, reeditam práticas antigas que fortalecem e dão sentido à festa. De acordo com Santos e Kinn,

[...] as festas surgem como um acontecimento marcado pelo encontro, criação e fortalecimento de uma teia de relações sociais, tendo nos santos padroeiros seus principais mediadores (Santos & Kinn, 2009, p. 60).

Efetivamente, no caso da Folia de Reis e da Congada, tal religiosidade também era uma mediação fundamental. Na especificidade do Carnaval, as raízes africanas parecem ser fator de reunião mais relevante.

No contexto em que estavam inseridos, principalmente, como mão de obra, evidenciavam, como aponta Kinn, em texto sobre os negros congadeiros, que

[...] não existe apenas um homem para o trabalho, mas um acervo cultural que se manifesta no modo de viver na cidade que se renova e vai conciliando o trabalho com o ato de fazer a festa (Kinn, 2006, p. 90).

Nas doações efetivadas para a festa, primordialmente de tempo materializado em trabalho, estabelecem sociabilidades fundamentais para a continuidade do existir na coletividade. Como retrata um folião, no Patrimônio, era, para ele,

²⁰Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

²¹Entrevista coletada em campo em setembro de 2014. O grifo indica ênfase do entrevistado durante a fala.

Sempre a palavra amiga. Tinha festinha na casa de um, ia todo mundo. Sempre de braços dados e hoje continua também. Ainda. E, graças a deus, continua²².

Ponderamos que é elucidativo intuir, como Bezerra, que as festas elucidam as condições

[...] na relação entre o homem e o meio, pois estas manifestações sempre refletiram o modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente, valorizam mais ou menos certos lugares (Bezerra, 2008, p. 7-8).

As festividades eram uma maneira de atribuir importância a um espaço que era marcado pela dureza e dificuldade do estabelecimento de meios de vida.

Ainda que nos casos específicos dos pesquisadores acima apontados (Santos & Kinn, 2009; Kinn, 2006; Bezerra, 2008) existam divergências com o *locus* deste estudo decorrentes do fato de o estudo deles tratar de sujeitos camponeses, diferentes dos aqui tratados (urbanos), estabelecem sentidos que dialogam com essa realidade. Afinal, na efetivação da festa, os sujeitos têm a virtualidade de transcendência das situações de expropriação e labor vivenciadas no cotidiano. No momento festivo, elevam-se ao patamar de soldados, congadeiros, dançadores, foliões, carnavalescos etc.; ou seja, seres que se veem com importância, dotados de humanidades.

No acompanhar dos novos moradores, vieram mudanças e, certamente, como aponta um antigo residente sobre as festas,

Afetou, porque eles tentaram retirar várias vezes a festa daqui. Tanto a festa de Reis como o Congado e o carnaval, com a escola de Samba. Só que como é tradição, não conseguiram²³.

Não retiraram as festas, mas demonstram interesses nelas. As tensões se desdobram em conflitos no uso do espaço. O momento de reunião da antiga comunidade do bairro é intencionalmente dificultado. Em diálogo com o Capitão da Folia de Reis Pena Branca, isso nos foi apresentado da seguinte maneira:

Faz barulho demais, né? 'ê mas tá uma barulheira, cêis num deixa nós dormir!' é desse jeito. Mas agora a gente tirando a licença eles pode brigar com nós, não tem problema (Grifo nosso)²⁴.

Esse batuque, parte da *raison d'être* da festa, incomoda aqueles que não estão acostumados. O louvor aos Santos Reis vem em um ritmo inventado

por cada folia, que se transforma em conjunto com a lógica da festa. Antes um elemento vital, principalmente pelas dificuldades estruturais, passa, assim como as outras festas, a assumir os contornos de um resíduo.

Como retrata Dawsey (2012),

[...] a busca deliberada de preservar a memória tem um efeito anestesiante sobre a nossa experiência com o passado. Ela produz esquecimento. Elementos vitais transformam-se em resíduos (Dawsey, 2012, p. 192).

A tradição não se insere em uma existência estática, se reinventa, admite novas práticas, continua a se reproduzir em um contexto em que

[...] o devenir se mostrará inesgotável e, no entanto, atual e presente. Diante das operações do entendimento e do discurso, persistirá sempre um 'resíduo' (Lefebvre, 1967, p. 82, grifo do autor).

Não há transformação que elimine as formas em sua completude, há sempre algo que transborda e metamorfoseia-se no contemporâneo, como a própria permanência das festas demonstra no caso do bairro Patrimônio.

Williams (1979), em *Marxismo e Literatura*, ao identificar aspectos gerais da cultura inglesa, nos permite estabelecer diálogos. Notamos que, por mais que não haja no caso avaliado uma descontinuidade nítida no processo,

[...] o residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas ainda está ativo no processo cultural, não só como um elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente (Williams, 1979, p. 125).

Na conjuntura em estudo, a realidade social dos moradores do bairro Patrimônio se alterou. A festa, como instituição, deixou de ser a principal maneira de fomentar a permanência no lugar. Condições como o asfaltamento, a energia elétrica e a água encanada modificaram relações que eram mediadas pela superação das dificuldades. Efetivaram outro complexo de lógicas nesse espaço; contudo, Lefebvre, pertinentemente, assinala: "Cada sistema deixa um 'resíduo', que lhe escapa, que lhe resiste, e de onde pode partir uma resistência efetiva (prática)" (Lefebvre, 1967, p. 373, grifo do autor).

O resíduo é o que continua, a experiência que marca, que não abandona o sujeito. No residual, os homens se potencializam. Permite que obtenham, como na situação avaliada por Silva (2014), possibilidades de resiliência no/do lugar. Por mais que as realidades se transformem, que os oprimam,

[...] o resíduo fica, permanece numa lembrança, numa memória, num saber fazer. Tem-se então o

²²Entrevista coletada em campo em janeiro de 2015.

²³Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

²⁴Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

momento em que o resíduo pode ser revivido, reinscrito no fazer social (Silva, 2014, p. 329).

Essa possibilidade anunciada no resíduo se revela em:

Eu já tou com 58 anos! Já dancei congadas, folias e carnavais! Então, são uma tradição, não vamos deixar acabar não!²⁵

Na contraposição de suas territorialidades com aquelas do capital imobiliário, muitos se veem ‘prensados’ pela situação. Contudo, as festas não têm apenas continuidade; crescem, ganham mais visibilidade, são uma maneira de efetivar resistência efetiva (prática) à problemática em que os sujeitos se inserem. No caso do Carnaval, a Escola de Samba Tabajara, que havia passado mais de uma década sem obter títulos (1990), atualmente (2015) conquistou seu 11º prêmio consecutivo.

Em muitas comunidades, a continuidade das festividades tem como problema a não participação dos jovens; contudo, a situação em estudo desvela uma ocorrência na qual eles são agentes ativos. Como um deles nos relata,

Aqui tem tudo que eu gosto, tem congada, tem folia de reis, tem a escola de samba, tem o grupo de percussão que eu toco, então tudo aqui. Aqui a gente não precisa ir longe para participar destas manifestações. Tá aqui, no nosso sair na rua. Então, já faz parte do cotidiano da gente.²⁶

Na festa, veem razão para continuarem presentes no bairro. (Re)afirmam sua existência no lugar. Fazem frente simbólica e concreta à territorialidade abstrata que, em certas instâncias, se opõe às suas. As festividades tomam o caráter de resíduos corporificados na prática cotidiana que se revelam como atos territoriais.

Partindo do pressuposto de que as festividades são ações, sazonais ou não, que se manifestam no espaço e reafirmam as territorialidades do lugar bairro Patrimônio, encontramos algo que transborda os processos de (des)(re)territorialização propostos por Haesbaert (2004, 2007).

Para além de territorializações ou reterritorializações, existem artifícios que não dão gênese, mas reformulam, intensificam territórios-lugares e territorialidades. Ativam vínculos territoriais que ganham novas significações. Revelam a sapiência das humanidades no devir em que se inserem.

Efetivando-se como ações, sazonais ou não, atos territoriais são caminhos para a transcendência de territorialidades tensionadas. Pautam-se em desejos

e necessidades de coletividades. Partem da vontade dos sujeitos em se reafirmar enquanto vetores fundamentais na conjuntura do espaço em disputa.

Imbuídos de sentido, provocam mudanças nas espacialidades, alterando a forma como as tensões se desdobram. No seu desvelar, evidenciam a dimensão dos elos entre os homens e suas territorialidades. Estancam, ou diminuem, os processos erosivos ocasionados nos conflitos de interesses.

Atos territoriais são *poiésis*, e

[...] a ‘poiésis’, hoje e agora, parte do residual. Seu primeiro ato: a reunião dos resíduos depositados pelos sistemas que se obstinam sem consegui-lo em constituir-se em totalidades, a ‘mundializar-se’ (Lefebvre, 1967, p. 376, grifo do autor).

Revestem os batuques com um potencial (re)criador de sentidos e carregados de resíduos na medida em que continuam a passar em ruas que hoje são amplamente verticalizadas, por exemplo. Antes o sentido da festa estava no alívio das difíceis condições de vida; hoje, passa a ser uma maneira de reunir aqueles que têm identidades com o território.

Tendo engendramento nos resíduos, os atos territoriais são ações de resiliência e (re)existência, entendidos aqui como processos amplos de constituição dos sujeitos. No lugar estudado, reforçam lógicas que aparentavam supressão, propiciam situação para além da continuidade. Seus costumes de festejar apresentam mutabilidade; afinal,

[...] é pela incorporação daquilo que é ativamente residual – pela reinterpretação, diluição, projeção e inclusão e exclusão discriminativas – que o trabalho de tradição seletiva se faz especialmente evidente (Williams, 1979, p. 126).

Os resíduos metamorfoseados em atos territoriais virtualizam a continuidade de seus vínculos territoriais, ainda que transformados. Segundo Lôbo e Maia,

[...] à medida que a festa vai adquirindo definição e significado para quem dela participa, ela não só ‘está’ em como é um lugar carregado de simbologias, sentidos e conceitos (Lôbo & Maia, 2011, p. 151, grifo do autor).

No caso, verificamos que esse também configura em ato territorial, reafirmando as territorialidades do lugar bairro Patrimônio e do lugar-festa, em suas efemeridades e (des)continuidades.

Existem mudanças, inventariadas principalmente na saída de moradores, porém, de acordo com uma foliã,

Afetar a folia não vai afetar, porque sua fé é inabalável, não afeta. Então, as pessoas de outro bairro, agente avisa, põe no rádio, faz cartaz, avisando do dia da festa e aí vem todo mundo. Assim

²⁵Entrevista coletada em campo em janeiro de 2015.

²⁶Entrevista coletada em campo em janeiro de 2013.

a gente encontra os conhecido que foram tudo embora, todos vêm na festa. É o dia de reencontrar os amigos²⁷.

Como desvelam as entrevistas e vivências em campo, o caráter de reunião da festa não somente se mantém, é fortalecido. Tem um novo significado, de encontrar aqueles que somente têm a possibilidade de (re)verem na festa. Além disso, estabelecem uma territorialidade em rede, onde os moradores que fizeram parte da 'diáspora' chamam outras pessoas para participarem. Segundo os dançarinos do terno de Moçambique Princesa Isabel, por exemplo, o número total de dançadores cresce a cada ano.

Na condição de ato territorial, a festividade adquire o sentido de legitimar o uso do espaço, pautando-se, fundamentalmente, na historicidade adquirida. Tendo em vista o caráter relacional do território, essas tensões invocam a reunião dos resíduos dos antigos moradores.

O batuque da Congada, Folia de Reis e Carnaval adquirem significações que (re)fortalecem suas territorialidades, tornam-se, efetivamente, atos territoriais que fundamentam os nexos da antiga comunidade do bairro. Como uma moradora aponta, a intenção, seguramente macarrônica, é a de

Convidar as pessoas que tá chegando aqui no Bairro agora pra participá com nós aqui do bairro, porque nós nascemo aqui, eles viero depois. E isso eles não tão quereno aceitar a gente. Só que eles tem que aceitá porque nós já tamo aqui, eles chegaro agora, eles é convidado. Mas é convidado bem-vindo²⁸.

Reinventando as festas, se sentem na condição de enfrentar os problemas cotidianos e de superar as distâncias. Evidenciam maneiras de reconstruir um território que parecia instável, com esparsas possibilidades de continuidade. Reconhecem a importância da identidade e da apropriação e, portanto, desenvolvem suas estratégias.

Percebem que aquilo que dotaram de valores humanos tem a capacidade de se reinventar sem perder os resíduos. Há um conflito que mostra a dinamogenia do imaginário e das pertencas. Isso leva essas gentes que fazem a festa a perceberem que seus vínculos vão para além da concretude do espaço, pois

Se o Princesa Isabel um dia sai de dentro do Bairro Patrimônio ninguém vai esquecer que o Moçambique Princesa Isabel é do Bairro Patrimônio, porque tem uma raiz aqui, tem uma tradição! Se um dia chegar a sair, vai continuar o Princesa Isabel lá do Bairro Patrimônio²⁹.

Com a contínua saída dos moradores, as festas podem vir a migrar para outros bairros, contudo seus vínculos tendem a permanecer. Apesar de todas as complicações, o lugar e suas territorialidades não deixam o sujeito. Suas identidades consentem marcas (i)materiais que foram construídas na relação homem-espaço, que resulta na significação dessas espacialidades.

Implicam-se espacialidades de devir complexo e denso. Dotadas de 'residualidade', as territorialidades são catalizadores de modos de vida que se desenvolveram no lugar. Desdobram no enraizamento fundamentado nas pertencas que se fortalecem alimentadas pela tensão.

Considerações finais

Pelo sentido que os moradores do bairro Patrimônio atribuem ao espaço, transcendem sua geometria. No final, os resíduos os fortalecem. Como atos territoriais, as festas se provam fonte infindável de *poiésis*. Ao reinventarem seus sentidos, não abdicam o passado. No presente, constroem projetos de futuro nos quais suas pertencas permanecem significativas.

Atribuem diversos significados para o seu viver cotidiano. Motivam-se nos Santos católicos ou nos troféus da escola, nexos relacionais de uma existência arrolada em 'residualidades'. Realizam atos territoriais que indicam suas estratégias, negando de certa forma a linearização do espaço. Ajustados ao lugar onde construíram densas existências se inserem em uma realidade repleta de tensões que resultam em mutações da própria vida. Batucam para reforçar suas territorialidades e distanciar as dificuldades de pertencer, permanecendo no lugar.

Imbricam-se resíduos em ações práticas, fundamentalmente nas festividades, que efetivam diferentes formas de viver no espaço reocupado. Legitimam a presença pelo uso e pelo pertencimento ao lugar. Entrepassados por uma alquimia simbólica, os sujeitos arquitetam/batucam existências que não separam a materialidade da imaterialidade do espaço. São clivados por diversos elementos que estão acima da simples compreensão de sua condição trabalhadora. Na festa, são elevados ao patamar de foliões, festeiros, dançarinos, devotos, soldados, capitães: sujeitos do lugar.

Referências

- Bezerra, A. C. A. (2008). Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. *Espaço e Cultura*, 23(1), 07-18.
- Claval, P. (1997). As abordagens da geografia cultural. In I. E. Castro (Org.), *Explorações geográficas* (p. 187-205). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

²⁷Entrevista coletada em campo em janeiro de 2014.

²⁸Entrevista coletada em campo em fevereiro de 2013.

²⁹Entrevista coletada em campo em setembro de 2014.

- Claval, P. (1999). *A geografia cultural*, Florianópolis, SC: Ed. da UFSC.
- Dawsey, J. C. (2012). Bonecos da Rua do Porto: performance, mimesis e memória involuntária. *Ilha*, 13(1), 185-219.
- Dardel, E. (2011). *O homem e a terra*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Flávio, L. C. (2013). Território e memória. In M. A. Saquet (Org.), *Estudos territoriais na ciência geográfica* (p. 91-106). São Paulo, SP: Outras expressões.
- Haesbaert, R. (2004). *O mito da desterritorialização: do 'fim dos territórios' à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Haesbaert, R. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, 17(1), 19-46.
- Heidrich, A. L. (2006). Territorialidades de exclusão e inclusão social. In N. Rego, J. Moll, & C. Aigner. *Saberes e práticas na construção de sujeitos e espaços sociais* (p. 21-44). Porto Alegre, RS: UFRGS Editora.
- Heidrich, A. L. (2010). Espaço e multiterritorialidade entre territórios: reflexões sobre a abordagem territorial. In S. P. Pereira, B. P. Costa, & E. B. C. Souza (Orgs.), *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais* (p. 25-35). São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Karjalainen, P. T. (2012). Place in urwind: a humanist geography view. *Geograficidade*, 2(2), 4-22.
- Kinn, M. G. (2006). *Negros congadeiros e a cidade: costumes e tradições nos lugares e nas redes da congada de Uberlândia-MG* (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lefebvre, H. (1967). *Metafilosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira.
- Lôbo, T. C., & Maia, C. E. S. (2011). Diferentes formas de estar na festa. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, 8(1), 149-160.
- Lourenço, L. A. B. (1986). *Bairro do Patrimônio: salgadores e moçambiqueiros*. Uberlândia, MG: Secretaria Municipal de Cultura.
- Raffestin, C. (2010). Uma concepção de território, territorialidade e paisagem. In S. R. Pereira, B. P. Costa, & E. B. C. Souza (Orgs.), *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais* (p. 13-24). São Paulo, SP: Expressão Popular.
- Santos, R. J., & Kinn, M. G. (2009). Festas: tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. *Espaço e Cultura*, 26(1), 58-71.
- Saquet, M. A. (2013). Por uma abordagem territorial: continuando a reflexão. In M. A. Saquet (Org.), *Estudos territoriais na ciência geográfica* (p. 47-74). São Paulo, SP: Outras Expressões.
- Silva, A. M. (2014). *Resiliência socioespacial na expansão canavieira do Cerrado Goiano: A cidade rural de Maurilândia/GO* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. MG.
- Simmel, G. (1971). *On individuality and social forms*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.
- Teixeira, M. G., & Almeida, M. G. (2014). A catira e a produção de uma identidade territorial no estado de Goiás. In Marques, L. M. (Org.), *Geografias do Cerrado: sociedade, espaço e tempo no Brasil Central* (p. 217-241). Uberlândia, MG: Edibrás.
- Tuan, Y. (1998). *Escapism*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press.
- Tuan, Y. (2005). *Paisagens do medo*. São Paulo, SP: Unesp.
- Tuan, Y. (2012) *Topofilia*. Londrina, PR: EdUel.
- Tuan, Y. (2013). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina, PR: EdUel.
- Williams, R. (1979). *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores.

Received on August 13, 2015.

Accepted on October 8, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.